



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

ESPAÇO CULTURAL DA ANATEL, BRASÍLIA, DF,

5 DE NOVEMBRO DE 1998

*Senhor Presidente do Senado Federal, Antonio Carlos Magalhães; Senhor Ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Governador da Bahia, César Borges; Senhor Governador de Sergipe, Albano Franco; Senhor Presidente da Anatel, Renato Guerreiro; Senhora Wilma Motta; Senhora Michele Magalhães; Familiares aqui presentes; Deputados; Senadores; Senhoras e Senhores,*

Parece incrível que nós hoje possamos – como podemos – ver e ouvir as realizações feitas, em tão curto período de tempo, pelo Ministério das Comunicações, pela Anatel, transformações tão profundas do nosso país. Mas, mais do que isso, que a cada vez que nos encontramos e que olhamos para as figuras de Sérgio Motta e de Luís Eduardo nós todos nos emocionamos.

Esse misto entre realização e paixão, entre competência, amizade, lealdade e gratidão é que constrói uma nação, uma nação que quer ser moderna mas que quer continuar a ser uma nação solidária e – por que não dizer? – sentimental. Nós somos assim.

E o fato, mesmo, de nós aqui, hoje, estarmos nesse edifício novo da Anatel, dando nome a um deles de Luís Eduardo, a outro de Sérgio Motta, tem um simbolismo muito grande. Porque, se nós pensarmos bem – e vimos no filme – as trajetórias do Sérgio e do Luís Eduardo se encontraram, num dado momento, mas elas não vieram do mesmo ponto. Cada um de nós, aqui, teve trajetória diferente. Mas houve um momento de encontro, houve um momento, eu diria, quase de comunhão, de estar junto e de comer o mesmo pão.

Foi essa capacidade de, num dado momento do Brasil, nós estarmos juntos, apesar das trajetórias e apesar das diferenças, que podem e devem existir, que permitiu que houvesse essa transformação tão rápida do país. E que essa transformação fosse marcada por figuras como as já aqui mencionadas.

Não é banal, não é trivial que, na história política de um povo, aconteçam essas coisas. Eu convivi, de muito perto, com os dois. Com o Sérgio por mais tempo, até pelas nossas idades mais antigas e mais próximas. Vi uma fotografia, aqui, do Sérgio, numa passeata, e não aparece o melhor, que era a Bruna Lombardi, que estava ao nosso lado. Mas me recordei do Sérgio com a bandeira na mão, com o bigode grande, desalinhado e eu, cabeludo, com olheiras grandes. O Deputado Goldmann deve se lembrar dessas épocas. E nós, pelas ruas de São Paulo, sonhando que talvez, um dia, pudéssemos fazer alguma coisa diferente no Brasil.

Essa fotografia é de 1977 ou 78. Faz muito tempo já. Desde então, o Sérgio estava sempre presente em todas as manifestações políticas a que eu compareci, a todos os episódios eleitorais em que me envolvi. E presente de uma maneira extraordinária. Os que conheceram o Sérgio, aqui quase todos – senão todos – conhecemos, sabem – e eu creio que a Dona Wilma Motta disse de uma maneira perfeita, na palavra dela – que o Sérgio era, a cada minuto, a cada instante, a cada segundo, uma surpresa. E, quando o mar estava calmo, ele jogava uma pedra, para ver se fazia onda. E, às vezes, se não havia pedra por perto, ele se jogava. E fazia onda. E navegava naquelas ondas e mares procelosos. E quando nós todos pensávamos: “Meu Deus, não é possível, não vai dar certo”, pois não é que dava certo?

Assim era o Sérgio: vibrante o tempo inteiro, cheio de paixão, de uma inteligência extraordinária. Ele dizia sempre que era engenheiro. Foi, e químico. Mas ele se metia em qualquer engenharia e dava certo. Qualquer projeto ele entendia. Eu sempre fiquei abismado de ver a capacidade de absorção que o Sérgio tinha. Não sei a que horas, acho que ele não dormia. Porque ele lia aqueles documentos enormes, alguns nem tão entusiasmantes assim. Ele lia tudo aquilo, fazia papeizinhos, desenhava. E, já mais tarde, quando ele era ministro e eu presidente, lá ia ele ao Alvorada, a qualquer hora, e me despejava aquele saber que tinha deglutido. E me despejava com tal paixão, que eu fazia que prestava atenção. Porque eram muitos detalhes.

Nunca deixou de me dizer tudo, os detalhes menores das partes daqueles projetos. Pela paixão dele, não porque eu tivesse que saber os projetos a cada passo. A Mackenzie fez “não-sei-quê”, a construtora “não sei das quantas” opina de outra maneira, o ministro tal pensa isso, o técnico tal pensa aquilo. Eu sei até o nome dos técnicos que trabalhavam nisso, porque ele falava tanto e com tal obsessão, que eu acaba absorvendo os nomes. De repente, sou apresentado a um e outro, me parecem familiares, de tanto que o Sérgio martelava aqueles nomes.

Era assim que ele trabalhava: com paixão. Quando queria uma coisa era, realmente, com vontade. Aqui, há muitos parlamentares. O Sérgio era um quase líder de Congresso, se metia a fundo nas discussões. Motivava, brigava, gritava, xingava e, depois, perdoava, amava, ia comemorar junto, porque, de novo, é o modo de ser nosso, de não guardar mágoas antigas e de avançar, olhar para o futuro, ver o que é possível construir. Era um dínamo.

O Luís Eduardo era outra coisa. O Luís Eduardo eu conheci quando chegou ao Congresso. Eu era senador, líder – não me lembro se do PMDB. Era PMDB, nessa época. E nós tínhamos uma relação, primeiro distante e que, depois, foi se amudando, ainda em posições contrárias. É bom dizer isso: eu me tornei amigo do Luís Eduardo quando estava de um lado e ele estava do outro. A nossa amizade não veio da adesão a uma posição política. Veio de uma simpatia recíproca. E eu até disse, em algum outro dia, que, do ponto de vista temperamental, o Luís era

mais próximo a mim do que o Sérgio e, talvez, o Sérgio fosse mais próximo a outras pessoas que estão perto de mim.

Então, a relação com o Luís Eduardo não era tormentosa. Não era uma relação de quem vai se jogar em um mar encapelado. Era uma relação mais de lago calmo. Nem sempre. Luís era também uma pessoa que tinha personalidade forte. Mas na relação comigo, não. A relação era uma relação de pessoas que sentiam o mundo, podiam não ver o mundo da mesma maneira, mas sentiam da mesma maneira. Gostávamos – nem de tudo – mas, quase sempre, das mesmas coisas.

E há um ponto que, tanto o Luís, quanto o Sérgio e quanto eu, tínhamos, talvez, em comum – mais eles do que eu: gostar da vida. Não se fazia nada – e não se faz e eu não faço – com tristeza, mas com alegria. Mesmo na briga. Não era uma briga como quem vai para uma briga e diz: “Meu Deus, que tragédia.” Não. Vai-se brigar com energia, com vontade de acertar. E fazíamos – e eu continuo fazendo, espero continuar – com alegria. Isso eu via inúmeras vezes. Mesmo nas discussões mais duras. De repente, é um momento de usufruição. Isso, não por ironismo, mas como modo de ser, de entender que viver é uma oportunidade única e é preciso amar a vida também.

O Sérgio amava a vida profundamente. A música, a dança – ele dançava muito bem, me humilhava sempre – o que fosse. A comida, a viagem, a leitura, o teatro. O Luís também gostava.

Então, deu-se este encontro que, hoje, está materializado nesta homenagem e neste edifício. Não estou falando, portanto, como Presidente da República, nem cabe, diante disso – nem cabe. Nós, aqui, somos muito mais. Somos seres humanos, que estamos aqui para dizer que estamos felizes, como disse o Ministro Luiz Carlos, de ter podido continuar esse trabalho.

Mas também é justo que eu diga – e, aí, já deixando o lado mais pessoal, e não preciso ressaltar uma vez mais as qualidades nem do Sérgio, nem do Luís Eduardo – mas dizer que eles encontraram bons colaboradores. Certamente, o Luís Eduardo se cercou, na Câmara, e muito bem. Alguns de seus amigos estão aqui, hoje, de vários partidos. O Luís – e nisso também nos aproximávamos – nunca foi sectário.

Tinha as opiniões, era determinado, mas nunca foi sectário. Soube cercar-se bem, no Congresso. Soube ter, não congressistas, mas funcionários, assessores, consultores, sem os quais não se faz nada na vida e também no Congresso. Alguns, aqui presentes, trabalharam com ele. Ele sempre mencionava a opinião de fulano, a opinião de beltrano. Fez uma teia para poder permitir que o trabalho avançasse.

O mesmo vale para o Sérgio. O Sérgio era líder de grupo. É engano pensar que Sérgio era autoritário. Ele era bravo. Mas ele convencia. E convencer, como digo sempre, é vencer junto. Ele queria a adesão das pessoas. Ele não queria a obediência. Quem é líder não quer ser obedecido. Quer ser compreendido, quer a compreensão das pessoas e, talvez, se possível, quer ser amado, porque ama também o outro. Então, era nesse contexto.

O grupo que foi feito aqui, neste Ministério das Comunicações, é um grupo extraordinário e tem continuidade. Teve no Luiz Carlos, que conseguiu levar adiante essa obra de privatização, de concessão, de transformação da mentalidade, de mudança da estrutura do Estado e teve na Anatel, que continua assim.

As pessoas que estão na Anatel – Dr. Guerreiro sabe disso – estão lá por mérito próprio. Não há ninguém que tenha sido indicado. Podia ter sido. Não há mal nisso. Mas, no caso, as pessoas são pessoas que lá estão porque tiveram seus méritos reconhecidos pelo trabalho que desempenharam e têm a minha confiança, pela competência. Não houve outro liame senão esse. E está funcionando. Não era fácil – e aqui há outras organizações semelhantes e outros ministros, que estão com os mesmos problemas, das mesmas características – não era fácil, no Brasil, mudar a mentalidade e fazer com que houvesse um órgão autônomo e, ao mesmo tempo, responsável, perante o Governo e perante a comunidade dos que utilizam, perante a sua clientela e perante a sociedade. É inovador isso. Nós, hoje, temos alguns desses órgãos em funcionamento, e foi possível colocar gente do próprio setor.

Para realizar o que se está realizando – e nós estamos ainda caminhando – foi preciso, portanto, uma mobilização muito grande. Para aprovar uma lei, toda gente sabe e vimos aqui algum pedacinho – até

gostei de ver a votação lá atrás, que foi igual à de ontem, 348. É interessante isso, se mantém essa chama. E houve relatores. Aqui está um, que é o Deputado Goldmann. No Senado deve ter sido o Senador Hugo Napoleão. O Senador Êlcio Álvares está aqui, teve um papel importantíssimo na organização disso. Vários deputados aqui presentes. Líderes, que estão aqui, que participaram desse processo. Uma teia muito grande de gente. E isso é que está fazendo com que o Brasil possa continuar avançando.

Então, à parte isso – e até me perdoem um certo desbordamento pessoal, de coração, ao me referir aos meus dois amigos – eu queria também agradecer muito, e aí eu estendo a todos os funcionários do Ministério das Comunicações e da Anatel, e personifico no Ministro aqui presente e no Diretor da Anatel, Dr. Guerreiro, esses agradecimentos. E dizer que é isso que nos dá energia, para que nós possamos continuar nessa caminhada do Brasil.

Vamos continuar com determinação, com energia, com a razão mas, também, com amor, com emoção. Esta tarde foi uma tarde de construção e também de emoção.

Muito obrigado.